



Ocupando uma área de 148 mil metros quadrados em pleno coração da cidade, este esqueleto virou arapuca

90

# Os "esqueletos" do Plano Piloto

**FERNANDO PINTO**  
Repórter Especial

Em quase todos os casos, a culpa recai sobre a Justiça, cujos trâmites cada vez mais morosos nada têm a ver com a dinâmica de uma cidade moderna como Brasília. No que diz respeito ao desengonçado esqueleto que fica ao lado do Venâncio 2000, os prejuízos já se avolumam em torno de 2 bilhões de cruzeiros, conforme afirma Spilios Tzemos, dono da Bi-Ba-Bô, que é a firma proprietária da construção.

"Não lamento tanto pelos nossos prejuízos, mas sobretudo pelo que está representando contra a comunidade brasiliense, com um monstrengo daqueles postado ali bem no coração da cidade. Francamente que sinto vergonha".

Nascido na Grécia, mas naturalizado brasileiro, Spilios lembra que há sete anos vem tentando junto à Justiça desembarracar o complicado novelo do que seria o terceiro prédio de Shopping Center, no qual só foi mesmo concluído o Venâncio 2000. Ocupando uma área de 148 mil metros quadrados, a obra foi embargada devido a problemas envolvendo a firma incorporadora Vitória-Minas, de quem a empresa Bi-Ba-Bô adquiriu os direitos de propriedade.

"Tem sido um tal de mexe pra cá, paga acolá, recorre pra não sei onde, que francamente deixa a gente tonto. E os prejuízos cada vez aumentam mais. E as coisa fica pra ser decidida pelo Banco Central, pelo BNH, os únicos que poderiam resolver rápido, porém não está sendo resolvido. Acho que as autoridades deveriam tomar providências drásticas porque essa obra inacabada está prejudicando o coração da nossa cidade, tornando-a feia visualmente, o que é uma pena", desabafa Spilios Tzemos, em tom de amargura.

Mas no pé em que anda o processo na Justiça, o dono da Bi-Ba-Bô vai perder os restantes fios de cabelos de sua cabeça, com o esqueleto ao lado do Venâncio 2000 transformando-se à noite em covil de mendigos e ladrões, muito embora presença de um vigia no local. E que a enorme área se transformou em labirinto com várias entradas, facilitando bastante o acesso de quem pretende pernoitar às escondidas.

"Quase todas as noites aparece um velho descabelado, que a gente não sabe com certeza se é mesmo mendigo ou ladrão. Ele tem um jeitinho esquisito e a gente precisa estar sempre de olho nele...", diz o porteiro da garagem do Venâncio 2000, que fica a cinco metros dos escombros de cimento armado e ferros retorcidos, com porão repleto de lixo, do qual exala um cheiro forte de coisa podre.

"Isso também funciona assim como se fosse um alcapão pra pegar gente. No outro dia mesmo, uma senhora se despençou ali dentro, com carro e tudo, coitadinha dela que quase morreu, mais pelo susto de ter caído naquela sujeira do que pelo tombo do carro", conta um motorista de táxi que faz ponto no local.

O "Baracat" é outro prédio, ao lado do Venâncio 2000, que teve dificultado o seu término por um embargo no judiciário, só agora retomando o seu ritmo, faltando ainda muita coisa para que a construção fique concluída.

"Isso aqui também já foi antro de gente desocupada, deixando a gente cercado pelos dois lados de marginais". Informa um comerciante.

Bem perto dali, no Setor Comercial Sul, o edifício "Alvorada" também ficou muito tempo parado por pendências judiciais, transformando a área em terreno perigoso para quem transitava à noite, boca-de-fumo freqüentada por conhecidos traficantes. O mal só foi sanado com o início da reforma há dois meses pela Mater Engenharia Ltda.

"O prédio ainda está feio, porém vai melhorar. E esse prédio tem história porque nele já funcionou a Funai e até o SNI", diz o vigia.

Fruto de uma obsessão sublime de Juscelino, Brasília foi feita em quatro anos (esse, sim, o verdadeiro milagre brasileiro). Por isso, não dá para entender a morosidade na construção de edifícios que fazem parte do conjunto urbanístico da capital projetada, a exemplo do "Baracat" e do feio esqueleto de cimento armado ao lado do Venâncio 2000, este transformado em paraíso dos ratos, abrigo de mendigos e esconderijo de homens acuados que a polícia rotulou de marginais.

Mas o pior, mesmo, é a situação do Bloco G da 213 Sul, que há quase 10 anos inferniza a vida dos moradores daquela superquadra, principalmente do Bloco A, com o esqueleto de seus seis andares transformado em ponto de atracção para maconheiros, mendigos e assaltantes, autêntico "play-ground" de bandidos. O andar térreo foi invadido por um matagal espesso, área suja onde as crianças brincam diariamente indiferente aos riscos.

"No outro dia caçu uma cobra venenosa aqui", informa o filho do zelador do Bloco A.

E de quem é a culpa?